



BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL LUÍS DA SILVA RIBEIRO

especial Natal



BRINQUEDOS

Agora, pelo Natal, como é costume, as vitrinas de algumas lojas apareceram cheias de brinquedos. Havia-os dos mais variados preços e das mais diversas qualidades, para todas as bolsas e para todos os gostos.

Isto faz-me nascer a curiosidade de saber qual será mais feliz, se a criança a quem oferecem um modesto carrinho de bois recortado na serra mecânica, uma robicunda boneca de massa de papelão, um barquinho feito à navalha, ou um custoso automóvel de corda, uma boneca luxuosa com rosto de *biscuit*, vestido de seda, engonças nos braços e pernas, de abrir e fechar os olhos e dizer mamã.

Um dia, próximo do Natal, o Marechal de França Bugeaud perguntava ao pequeno príncipe de Orleans o que queria que ele lhe oferecesse, se um general ricamente vestido de grande uniforme bordado a ouro, ou um gracioso colibri, que batia as asas e cantava na sua dourada gaiola. Dá-me antes um porquinho de pau pintado de vermelho, com um assobio na barriga, respondeu-lhe o príncipe. Isso sim, isso é que encanta.

Era com um modestíssimo brinquedo de dois *sous*, à venda em todas as ruas de Paris, que o príncipezinho sonhava. O baratíssimo porquinho de pau e o assobio fariam as suas delícias, e tanto o ostentoso general de farda chamarrada de ouro, espada e chapéu armado, como o gracioso colibri, a bater as asinhas e a soltar um misterioso canto na sua rica gaiola, deixavam-no indiferente.

Como divertir-se com aquilo?

A criança que até certa idade alberga a alma dum explorador, ávida de conhecer o mundo ignorado e cheio de mistério que a cerca, quebrando, destruindo tudo, não por espírito de destruição, mas por curiosidade, *para ver como é por dentro*, tanto que às vezes chora, ao contemplar a ruína, transforma-se num poeta, cuja imaginação anima o que é inanimado, dá forma aos objectos diversos da que eles têm, empresta-lhes os seus próprios sentimentos e as suas próprias ideias.

O pobre rapazinho do campo que chama bois aos sócos de milho, os atrela a um imperfeitíssimo carro, constrói com pedrinhas minúsculas paredes,

105

empurra um barquinho de madeira ou apanha peixinhos numa poça, goza tanto ou mais que a criança rica que brinca com lindos bois de massa, imitação quase artística do animal, deita num tanque um garboso vapor de corda. Goza talvez ainda mais do que este porque mais tem que imaginar.

A pequena que num precoce instinto de maternidade, embala a boneca de trapos que ela própria confeccionou, quer-lhe como se efectivamente fosse sua filha, e se lhe dão uma linda e vistosa boneca, põe-na de parte, olha-a com admiração, mas sem afecto, preferindo-lhe a sua monstruosa mona, que a seus olhos é a mais linda do mundo. Quem feio ama, bonito lhe parece.

Num cavalo de papa a balouçar, o pequeno cavaleiro percorre em espírito várias regiões sem de facto sair dum canto da casa. O que se escancha num cavalinho de cana tem a mesma delirante concepção e pode suceder que ainda mais se divirta.

É ver a seriedade com que marcham os pequenos a brincar aos soldados e é-lhes indiferente que as espingardas sejam perfeita imitação das verdadeiras ou simples pedaços de cana ou de madeira:

É neles que está o encanto do brinquedo e não neste, por isso quando um adulto oferece a uma criança o brinquedo que melhor lhe pareceu a seus olhos de adulto, arrisca-se sempre a sofrer a decepção de ver que o presenteado não faz caso do presente e o deixa para pegar noutro qualquer, que na realidade nem brinquedo de criança é. A sua imaginação, prendeu-o ao objecto que melhor conseguiu despertá-la.

Que coisa complicada é a alma humana, sobretudo a da criança!

Diário Insular,
Angra do Heroísmo, 3 de Janeiro de 1948

106

Luís da Silva Ribeiro, patrono desta Biblioteca Pública e Arquivo Regional, escreve, a 3 de janeiro de 1948 no jornal "Diário Insular", sobre brinquedos. Neste artigo, descreve as emoções das crianças sobre os diferentes presentes que recebem, dos mais modestos aos mais aparatosos. Comparando as reações perante "um carrinho de bois recortado na serra mecânica" ou um "custoso automóvel de corda", o autor defende que a criança que recebe o primeiro "goza ainda mais (...) porque mais tem que imaginar."

Este artigo convida a uma reflexão sobre a forma como os mais novos vivem esta época e, particularmente, sobre a capacidade de criar o seu mundo imaginativo, porque "é neles que está o encanto do brinquedo e não neste (...)".

// Pode consultar esta publicação na sua Biblioteca.

Cronica do Natal



Árvore do Natal!

Ainda no começo do século passado a mór parte das famílias portuguesas a ignorava; desconhecia que nas regiões nórdicas, entre os gelos, a árvore era colhida para ornamento das salas e gáudio das creanças, ao vê-

rem-na frutificando em brinquedos, sendo simbólica e generosa.

No Natal português, cheio de união, é o termo próprio, revestido duma ternura infinita por todos os sofrimentos, escutavam-se as vozes das velhas avós orando, na consoada, pelos que estavam ausentes, pelos mendigos e—não fôssemos dum país de navegadores—«pelos que andam sobre as águas do mar».

Os pequenitos aprendiam assim a linguagem da fraternidade; enchiam-se de ternura seus corações, como se um hydromel sagrado fosse o seu bálsamo; os homens tornavam-se menos duros; as mulheres sentiam desabrochar em seus peitos um infinito amor.

Era o Natal português, na orla duma lareira, o vento fustigando as janelas, a chuva caíndo em torrentes, e muito bem escondidas, as prendas para os garotos, os presentinhos do Menino Jesus.

A árvore só aproveitava, lá longe, nas terras onde Deus é o mesmo, mas a religião difere; a árvore só surgia nas festas dos Nataes de outros povos, sendo, no entanto, bela, devendo ter o seu logar nos nossos cultos.

Os latinos adoptaram-na dos germânicos, foram colhei-a aos campos, trazendo-a para o aconchego do lar, para o brilho das luzes, fazendo dela o altar dos ídolos da pequenada.

A árvore é, pois, trono esplendente, consagrado nesse dia; arbusto humilde, ainda ha pouco, em sua fileira, ou perdido no monte, torna-se, mercê do acaso, o alvo das atenções, a fonte das alegrias, o manancial das graças. É inolvidavel ara de todas as orações; é a mais adorada das árvores por seus gentilissimos frutos.

Podem esquecer os vapores das canjas de olhos substanciaes, os perús loiros, recheados de especiarias e de bons bocados, pôde, mesmo, perder-se a lembrança dos sonhos fôfinhos, embebidos na sua calda, e que foram o cuidado das senhoras da casa, é possível passar da memoria o dedito do vinho generoso, bebido na hora da meia noite, com solenidade; é facil de desaparecer das mentes infantis, com o andar do

tempo ate o beijo da avósinha, porém a árvore, essa não esquece, fica, perdura, cresce, passa de arbusto a um cedro gigante à medida que nos afastamos dela com a idade.

Mesmo os mais ricos, os possuidores de herdades que são cuidadas, de várzeas, de casaes e quinteiros, onde os arvoredos florescem e vicejam, dando seus frutos de riqueza, preferirão, na sua saudade, a toda esta opulencia, aquela arvoresinha que, em meninos, lles ofertava os mais lindos, os mais belos, os mais apeteciveis frutos: os da árvore do Natal!

Todos a vêmos com suas maravilhas, magnificencias, adoravel, sublime a nossos olhos, tão pródiga como a mais rica das vitrinas de brinquedos e com a qualidade preciosa de não colher dinheiro das mãosinhas infantis.

Essa árvore, porém, é ainda outro simbolo, o da festa a que se dedica o Natal; o da Familia.

A árvore é a genealogia, com seus ramos e suas raízes; trazida do campo para o meio dos parentes, reunidos em volta da mesa, sobre a qual se comunga na eucaristia da raça, ela representa bem as gerações.

Tem a árvore o seu tronco forte, ou ainda debil mas sendo como um varão inicial de que nascem os renovos, as folhas, os troncos, as flôres, depois os frutos eles lembram os ancestrs amparando na sua égide os filhos, os netos, os bisnetos, as mulheres da sua estirpe, mães por sua vez, a desentranharem-se para o futuro.

Tem a árvore a sua força e a sua beleza, algumas a sua historia, outras, pobresitas, apenas a lembrança dum trabalho sem fim até que o vendaval ou a mão do homem as arrancassem; marca a passagem do tempo em que cresceu e evoca as épocas recuadas nas quaes já existiam seus antepassados. Nesse tempo, porém, os mais velhos avoengos dos que festejam o Natal na sua presença, ainda ignoravam o Redemptor e, por isso, a árvore, simbolo da familia, antecessora do proprio Menino Jesus no mundo, está ali bem sob as mãosinhas das creanças que a acarinhos súplices, e formosas.

A árvore, com seus brinquedos e sua generosidade, é bem como a mais velha das avós.

Adorem, pois, as árvores, meus meninos, não só aquela mas todas as que a mão de Deus permite que nos deem sombra, flôres e frutos e mesmo as perdidas à beira dos caminhos, pois também, ás vezes, no ceu se perdem as estrelas.

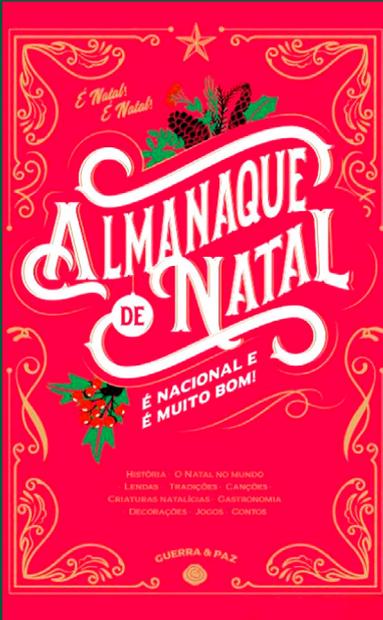
A 19 de dezembro de 1929, o número 492 da revista "ABC – Revista Portuguesa", publicava uma crónica sobre a tradição da árvore de Natal.

Segundo o artigo, esta assume-se como um dos enfeites com maior simbolismo da época natalícia.

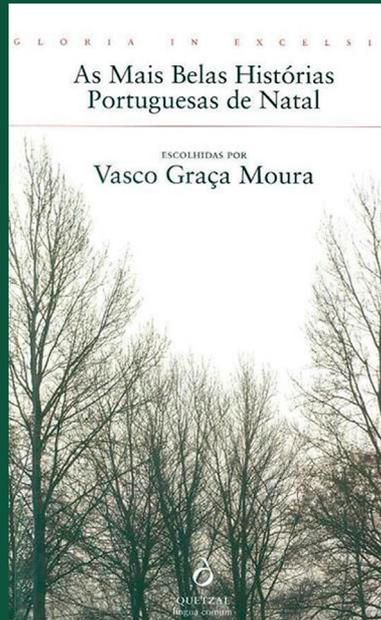
A tradição começa nas regiões nórdicas onde a árvore era colhida e trazida para o lar, servindo de ornamento generoso e simbólico. Posteriormente, outros países do Mundo, incluindo Portugal, adotam também esta tradição. Nesta crónica, os ramos da árvore de Natal são comparados aos ramos da genealogia familiar e o seu tronco a um pilar forte e seguro, conservando em si o poder de reunir a família à sua volta.

// Visite a sala de leitura dos Periódicos e consulte este documento.

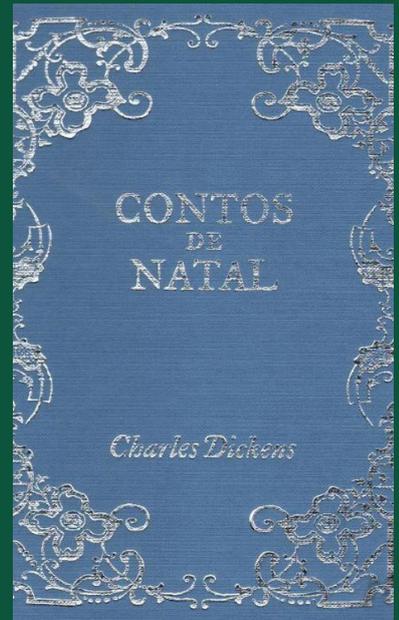
adultos



[VER +](#)

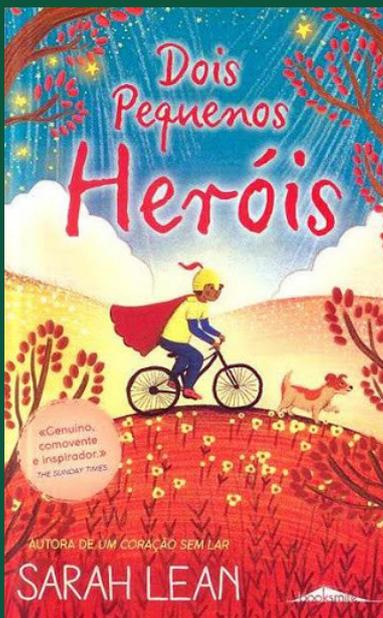


[VER +](#)

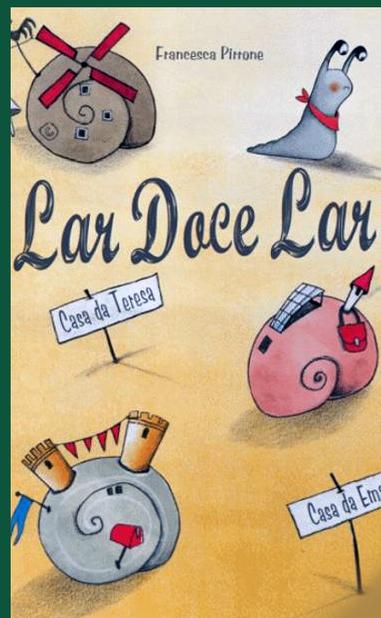


[VER +](#)

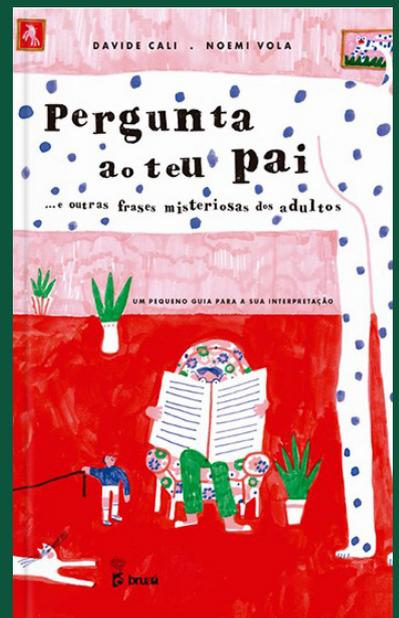
infantojuvenis



[VER +](#)



[VER +](#)



[VER +](#)

A SUA BIBLIOTECA DESEJA-LHE UM FELIZ NATAL E UM ANO NOVO COM MUITAS LEITURAS!

 (+351) 295 401 000

 bpar.angra.info@azores.gov.pt

